

JOVENS RESIDENTES EM LARES DE INFÂNCIA E JUVENTUDE DE BRAGA: RELATOS DE AFETOS E SEXUALIDADES

Júlio Gomes
Ana Rita Fernandes
Flávia Miranda
Judite Zamith-Cruz
Zélia Anastácio

Universidade do Minho
Lar de Infância e Juventude

juditezc@ie.uminho.pt

RESUMO: Por motivos debatidos, crianças e jovens que vivam em Lares de Infância e Juventude (LIJs) são conduzidos a consultas no domínio de saúde mental. Consequências negativas de afastamento familiar prolongado e/ou institucionalização se evidenciam em abordagens psicossociais que enfatizam défices, dificuldades de aprendizagem e/ou perturbações, em áreas de desenvolvimento e conduta sexual. No estudo-piloto inicial e exploratório problematizam-se mitos e realidades de quem viva ou viveu em LIJs. Sabe-se que a revelação de experiência de adversidade e abuso, ignoradas ou rejeitadas, conduzem a menor tendência em se em *verbalizar* o que afete. Realizaram-se cinco entrevistas semiestruturadas a (antigas/os) alunas/os de residências de acolhimento, entrevistadas/os por um profissional e colega de escola, voluntário e mediador da instituição. Por método de Análise de Discurso, foram clarificados distintos modelos relacionais e culturais (família/instituição), mediante relatos sobre vínculos seguros no LIJ, alternativos a inseguranças, abusos, perdas e lutos de progenitores. A Investigação-Ação visou dar resposta a questões socio-afetivas ainda difíceis, na futura formação de residentes, educadores e técnicos: concepções incompletas, ambíguas e redutoras de sexualidades, clivagem amor e sexo, nos céleres tempos que passam, com diferenças de género. Pretende-se dar continuidade a propostas de prevenção de práticas de vida (pós-) institucionais insatisfatórias, a atender a recursos pessoais de Antigos Alunos e de membros de instituição inspiradores e formadores ativos.

Introdução

Pretendemos através da presente investigação produzir um saber crítico e relativo a jovens adultos em contexto institucional, percebendo os conceitos associados aos afetos e sexualidades, explorando-se as potencialidades de análise de texto, dado que se entende também por sexualidade uma fonte de bem-estar físico, emocional e relacional. A sexualidade envolve toda a personalidade (Zamith-Cruz & Terroso, 2012) na *realidade* representada na linguagem com valores, sentimentos, crenças, desejos e expectativas.

Para a realização do presente estudo, responderam, primeiramente, um educador, diretor técnico e psicóloga, três profissionais de dois LIJs, uma das instituições mista e a

outra apenas com jovens do sexo masculino (Zamith-Cruz & Terroso, 2012). As questões colocadas aos educandos foram as mesmas, porém adequadas à linguagem de jovens que viveram em LIJs. Raramente se lhes pergunta algo como a vitimização sofrida ou pormenores associados, tido o abuso por “incomum” ou de difícil reconhecimento/revelação e discussão.

Em termos nacionais, em 2013, pela primeira vez, é focada a “exposição a comportamentos desviantes” para institucionalização, o que questiona uma nova abordagem nas situações de perigo motivo mais referido no número de processos abertos por mais de 300 Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJs), com pelo menos 5 técnicos envolvidos na prevenção em 2012 (*Jornal Público*, 27/05/2013), sem contabilizar processos de anos anteriores. Terão diminuído as situações de “negligência”, como foi dito, aumentando os jovens referenciados por comportamento desviante, sobretudo expostos a violência familiar (e consumo de substâncias, álcool e estupefacientes), abuso sexual, enfatizadas as circunstâncias em que são os jovens a fazerem mal a si próprios, sem que os adultos atuem. De acordo com tipologia de situações de perigo, fornecida pela CPCJ-Braga *Correio do Minho* (2012, 06/11/2012, p. 4), foram registadas 241 circunstâncias adversas, em 2012, dados de 23 de junho e 6 de novembro de 2012: Negligência a nível educativo, de saúde, dos comportamentos das crianças e psicoafectivos (47); Negligência na supervisão e acompanhamento familiar (40); Comportamentos desadequados (roubo, consumo de estupefacientes e álcool, violência para com a família e pares, *bullying*, fuga e pernoita fora de casa de familiares e vandalismo, frequência de espaços noturnos e insubordinação em contexto escolar (39); Absentismo escolar (32); Violência doméstica (30); Abandono escolar (16); Exposição a modelos que possam prejudicar o bem-estar e desenvolvimento da criança (14); Maus tratos físicos (11); Maus tratos psicológicos e abusos emocionais (6); Consumo de estupefacientes (5); e Prática de facto qualificado pela lei penal como crime - crianças de idade inferior a 12 anos (1).

Os motivos para medida de institucionalização que predominam nas 5 histórias-casos são o abandono dos pais e orfandade, além de negligência (na pobreza, absentismo escolar...), além de abusos e maus tratos, na primeira infância. Risco de relações de dependência em quem vive institucionalização de longa duração? Risco de (des)promoção de autonomia? Além das exigências regionais em prevenção, nos jovens

que viveram em LIJ é colocado um estigma, fenómeno psicológico (esfera emocional) e cultural, na medida em que é reproduzido e perpetuado que quem foi afastado da família viva pior. Enquanto o estigma de défice seja visível (sensorial, auditivo ou visual), o estigma *culpado* não é visível, mas ligado ao desempenho na escola ou profissão.

A primeira questão colocada presume o alcance dum melhor modo de interagir, por parte de educadores e técnicos em instituições. Tivemos também como propósito conhecer melhor o impacto dos riscos de vida e nos domínios afetivo-sexuais de jovens de hoje, em Braga: viveram em instituições, com outras condições problemáticas associadas: orfandade, pai desconhecido, discórdia conjugal grave, família numerosa, situação socioeconómica frágil, escassa educação dos pais, problema psiquiátrico da mãe, conduta criminal do pai.

Ao apoio socio-emocional proporcionado por adulto (idoso, professor ou vizinhos), o fator de equilíbrio foi perdido no grupo de estudo - permanecerem muito tempo sem terem contacto com famílias. Apesar de certas crianças “elásticas” se apresentarem de “sucesso” na vida enquanto adultos, sentirão dificuldades em estabelecer relações de intimidade e poderão sofrer de tensões emocionais. Muito se debateram circunstâncias ambientais, familiares e sociais (Harrison et al., 2006, pp. 322-324), quando à “má” história escolar, em circunstância de lar desfeito, se junta o prognóstico “mau” (p. 327). Para Emmy Werner (1993, 2004) que estudou famílias, longitudinalmente, defendeu que um indivíduo se torna “problemático” quando reúna duas de três circunstâncias: rutura familiar, antecedentes familiares desviantes e perturbação mental crónica.

Método

Na abordagem qualitativa que se adota, valorizando a atividade e descrição de experiência (como uma fenomenologia), nos significados de entrevistas/textos se enfatiza a via etnometodológica (antecipando a Análise de Discurso). Procurou-se serem os entrevistadores *membros competentes*, entendendo indexicais (expressões como aqui, ali, isto, aquilo, agora, etc.) em contexto, o que engloba a reflexividade e *accountability*, mostrado o implícito. Enformam-se, então, características da linguagem, quando se reflita em histórias-caso para Estudo de Caso/histórias de vida, num caso documentado. Apresenta-se uma discriminação de temas, sujeitos a interpretação

fenomenológica, em função de conteúdo, tópico, factos comuns e incomuns do dia-a-dia. Visa-se utilizar a comunicação (como em técnica de Análise de Conteúdo), mas sobretudo aperceber a cultura em processos – processos sociais, em termos cognitivos e interativos: o modo de atuar ou de agir, uma ideia diferente de se presumir saber «o que *se passe na cabeça* de pessoas». Donde, o que distingue a Análise de Discurso seja efetuar-se uma “operação” centrada no texto, o que implica explicar a investigação a quem a leia (“reflexividade” na Etnometodologia).

Objectivos

Neste estudo-piloto de transações/interações verbais, problematizam-se mitos e realidades de quem viveu em LIJs: que aceitação e compromisso de valores para a vida? Qual é a experiência (fenomenológica) de ser um estudante em minoria (ou da maioria, no Lar)? Pareceu-nos ainda pertinente a reflexão sobre conceitos associados à sexualidade e afetividade, na medida em que nos parece de importância compreender melhor os fenómenos de forma a podermos intervir de modo mais eficaz nessa área

Na cultura religiosa, uma dimensão da sexualidade entre outras (física, psicológica, espiritual, social, económica, política e cultural), o próprio Lar modela a sexualidade, «um aspeto fundamental da vida» (UNESCO, 2009a, vol. I, p. 2)? Na multidimensionalidade que é a sexualidade, como se observa a questão de género e de diversidade sexual? Nas culturas e entre culturas, os comportamentos sexuais são de ter em atenção, na medida em que se distinga o que seja ou não “aceitável” e “desejável”? No domínio da Educação Sexual compreende-se que se discuta o que seja uma ocorrência de conduta, mesmo “indesejável”, o que poderá favorecer o bem-estar de jovens que sofreram adversidades. Pretendeu-se ainda entender condições de confiança, sociabilidade e sentimento de bem-estar nas pessoas entrevistadas, separadas de “meio natural de vida” na infância.

Amostra

Por método de amostragem por conveniência, elaborou-se a recolha da presente amostra com base na “realização pessoal” de 5 jovens adultos com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos, solteiros, sem filhos, 2 dos quais antigos residentes em dois Lares de Infância e Juventude (LIJs), em Braga, com permanência

(prolongada) que excedeu os 4 anos, identificados por número de texto/entrevista produzida, género masculino (M) ou feminino (F) e idade: E#1M24anos; E#2M21anos; E#3F21anos; E#4M19anos; e E#5F18anos.

Quanto à permanência em instituição, E#1M24anos (4-21 anos), E#2M21anos (12-16 anos), E#3F21anos (7-15 anos), E#4M19anos e E#5F18anos (8 anos de permanência). É possível distinguirem-se duas gerações com base nas idades e tempo de permanência no LIJ, constituindo E#1M24anos, E#2M21anos e E#3F21anos a primeira geração, e E#4M19anos e E#5F18anos a segunda geração. As figuras de referência são as mesmas numa das instituições, frequentada por todos: um educador (E#1M24anos, E#2M21anos), uma senhora educadora (E#2M21anos e E#3F21anos) e duas jovens educadoras (E#5F18anos).

Por critérios complementares de acessibilidade, aceitação em trabalho de colaboração, preencheram os outros indicadores para seleção, a estabilidade emocional na escola, com informações positivas de educadores e professores e uma conduta adequada no LIJ, escolas e profissões.

As 2 raparigas (entrevistas E#3F21anos e E#5F18anos) e os 3 rapazes (entrevistas E#1M24anos, E#2M21anos, E#4M19anos) foram institucionalizados, entre os 4 e os 12 anos, por vários motivos apresentados pelos próprios, por ordem sequencial de entrevistas: abandono materno, aos 2 anos, com desconhecendo do pai (E#1M24anos); separação dos pais (E#2M21anos); morte dos progenitores (E#3F21anos); maus tratos, negligência (E#4M19anos); separação dos pais (E#5F18anos).

O nível de escolaridade é de 12º ano completo (E#1M24anos), de frequência de 10º ano (E#2M21anos), (E#3F21anos) encontra-se fazendo mestrado, em Nova Iorque (EUA), após adoção aos 15 anos. (E#4M19anos) encontra-se fazendo a licenciatura e (E#5F18anos) possui o 9º ano completo.

A circunstância de 3 inquiridos namorarem (E#2M21anos, E#3F21anos e E#5F18anos) regista uma possível *estabilidade* e intimidade, embora E#2M21anos tenha a namorada a estudar em Lisboa.

Os seus *hobbies* passam pela prática de desporto (E#1M24anos, E#2M21anos, E#3F21anos, E#4M19anos), convívio com os amigos ex-colegas da instituição (E#1M24anos, E#2M21anos, E#5F18anos) ou não, banda musical (E#1M24anos). Na atualidade, a relação a família focada, sem ter sido inquirida, é sustentada em tios

(E#1M24anos e E#2M21anos), primos (E#1M24anos), família de namorado (E#5F18anos), e família adoptiva (E#3F21anos).

Coabitam com ex-colegas de instituição (E#1M24anos), em residência de estudantes (E#3F21anos e E#4M19anos), e com a família do namorado (E#5F18anos).

Dos entrevistados do género masculino, E#1M24anos e E#2M21anos encontram-se empregados em lojas. (E#3F21anos) encontra-se empregada como Educadora assistente e mentora em escolas de 2º e 3º ciclos, e desempregada (E#5F18anos). Nos jovens entrevistados não existem casos de abuso de substâncias (tabaco, álcool, toxicodependências).

Instrumentos

Realizou-se um guião de entrevista dividido em duas partes, sendo que a primeira parte com 10 questões tinha como principal fundamento explorar as questões da institucionalização, projeto de vida e figuras de referência. Por outro lado, a parte II com 8 questões pretendia abordar as questões associadas com a sexualidade. Com este guião pretendemos assim refletir «ações humanas e estas assemelham-se ao modo como um texto escrito se coloca ao leitor» (Tesch, 1990, p. 37).

Procedimentos

Após o consentimento de todos os intervenientes neste processo, foram entrevistadas, gravadas e transcritas as entrevistas, com 5 pessoas, face a face, além de uma jovem (E#3F21anos), que respondeu a questões colocadas por via e-mail, vivendo em Nova Iorque, partindo de um guião referido anteriormente.

Teve-se em conta a postura do(a) entrevistador(a) para recolha dos dados, na medida em que condiciona claramente a recolha de informação e o (des)conforto dos entrevistados.

Resultados

Como há palavras marcadas por afetos, classe social e género, foram construídas categorias *a priori* e *a posteriori*, não exclusivas, na sequência do guião de entrevista.

Para efeito de construção de amostra/grupo de estudo, a categoria Temática 2 (T#2), incide em dados informativos sobre “Datas de admissão, tempo de acolhimento e

saída de residência(s)”, pelo que foi considerada em separado. Recolheram-se indicações como as datas da primeira (e segunda) inclusão juvenil (em situação de frequência em várias instituições) e reintegração social; motivo(s) de admissão (e de mudança de residência), além de outro(s) motivo(s) de admissão de pares. Para efeito de apercebimento de bem-estar vivido, perguntou-se também sobre “bons” e “maus” momentos durante o acolhimento de longa duração. O curso de vida deriva na Temática 3 (T#3) – “Projeto de vida atual”, que indica o fim do percurso escolar, habilitações académicas alcançadas e/ou atividade profissional à data da investigação. Nesse indicador se inscreveu tanto o tempo de *LII*/Projeto de Vida como a perceção assumida (ou não) de exclusão por institucionalização: «Em algum momento da tua vida, teres vivido numa instituição, fez-te perder alguma oportunidade? Alguma vez te sentiste excluído/marginalizado por estares a viver num *LII*? Que oportunidades podem não ter tido por viverem em contexto institucional?

A Temática 1 (T#1) demarca, propriamente, o estudo-piloto, sendo relativa a “Pessoas significativas na instituição”, em que se separaram a subcategoria, intitulada “Relacionamento atual com pares”, da subcategoria “Adulto/a da instituição”. São as figuras de referência comuns. Na entrevista #1 (E#1M24anos), é claro existir um grupo de antigos alunos que continua a ser íntimo - *É tipo um trio... vivo com um...*, um entendimento mútuo com 20 anos, a que se acrescenta a visita em sua casa de ex-colegas. O quadro de referência é completado por *minha figura paternal*, um educador da instituição com uma caracterização recriada: «Quando entrei, parecia que me queria *lixar a vida*, mas isso era tudo manias da perseguição que uma pessoa tem na adolescência. Depois... aquele homem era ‘qualquer coisa’.» É lembrado como “amigo especial”, a atender que “colegas... autênticos mandriões”, quererem marcar um [jantar-encontro com o Educador ainda que continuem a afirmar ser ele ‘uma praga?’... Sabia “brincar”. «Tinha aquela postura mais dura que, com os seus quase 2 metros, assustava qualquer miúdo». De novo, na entrevista #2 (E#2M21anos) é referida a casa partilhada, o trabalho, com ex-colega, o lazer em que o “pessoal da escola”, joga futebol, como antigamente e, por fim, a namorada, ausente por motivo de estudo. Além do suprarreferido educador, é nomeada uma educadora: «ela sempre me tratou com muito carinho mesmo, era como se fosse filho dela, e isso ajudava muito em que eu me motivasse a não desiludi-la.» A entrevista #3 (E#3F21anos) demarca o efeito criado por

adoção e distância, ainda que seja recordada a mesma educadora: «uma relação muito próxima... alguns fins-de-semana em casa dela, quando era mais nova.» Por último, as entrevistas E#4M19anos e E#5F18anos parecem fazer parte de geração distinta, embora E#5F18anos se ressinta a ligação a duas jovens educadoras, mais recentemente admitidas. A jovem (E#5F18anos) vive com o namorado (“que conheci quando andava lá”) e os pais deste. Mas tendo também deixado a residência, os laços assumidos por rapaz (E#4M19anos) são formulados de forma indefinida e plural: «os educadores».

A centralidade do presente estudo, colocou-se na Temática 4 (T#4) – “Sexualidade e Afetividade”, em que se distinguiram 4 subcategorias temáticas: (T#4.1.) Sexualidade (definição); (T#4.2.) Educação para os afetos e sexualidade – Educação Sexual, mas partindo da instituição; (T#4.3.) Educação para os afetos e sexualidade, em representação (pensamento e estereotipia) de adultos sobre sexo na adolescência e de acordo com género (não sendo de esquecer os exemplos não pedidos, mas focados de “um pai de um jovem” e “eu/homem *versus* elas”); (T#4.4.) – Recursos humanos, em residência, para Educação para os afetos e sexualidade, incluindo professores em aulas de Religião e Moral, problemas de amor e sexo, relação de raparigas-senhoras (técnicas/educadoras); (T#4.5.) Temáticas sexuais delas, propriamente ditas, na instituição (sendo salientado interações jovens(sexo feminino)-adultos/as, jovens (sexo feminino) -amigas, jovens (sexo feminino) -namorados /companheiros e jovens(sexo masculino-amigos); (T#4.6) Temáticas sexuais deles, propriamente ditas, na instituição (novamente separadas interações como em T#4.5.); e (T#4.7.) questão de género, especificamente.

Então, como é definida “sexualidade”? Fazer uma dicotomia “sexo-amor” parece justificar-se, quando E#1M24anos o esclarece: «Se calhar ultimamente não tenho feito tanto a parte que engloba o amor. Tenho feito mais a parte do sexo. Pode ser uma necessidade fisiológica, como pode ser uma carência afetiva e acho que das duas formas pode derivar a sexualidade.» Coloca *as duas partes* em opostos a atender a fisiologia humana. Esses termos sucedem um ideal, separador de “ser calhau” ou “ser *alguém*”, como quando se conheça *alguém*... por “toque”, o que conduz a «reprodução - tem a ver com a nossa carência por toque e queremos mostrar um grande afeto por outra pessoa.» A primeira ideia chega a ser corroborada, de forma independente: «Sexualidade - como disse - não é só sexo!» por E#2M21anos, que acrescenta o risco

sexual por DSTs, a pensar que hoje se sabe mais “disso”. Com E#3F21anos e observa-se uma conceção acrescida: «como um individuo se expressa para enfatizar o seu sexo», o que pode relacionar-se com expressão, performance e papéis de género. Em uma outra dimensão, E#4M19anos enfatiza um processo sequencial sexual por contacto, demonstração de amor, libertação de energias e prazer sexual: «importante é... tem uma dimensão enorme na vida do ser humano, pois, através dele [sexo] liberta energias e sente prazer.» Por último, “sexualidade” é entrosada com “puberdade” e “mudanças do corpo” (E#5F18anos).

Os jovens institucionalizados não fariam muito, mas E#3F21anos acha que «são avisados para terem cuidado e não se envolverem em situações que os possam prejudicar um dia mais tarde [gravidez não desejada].» Na instituição, anos após anos, eram convidados profissionais de distintas áreas (saúde, psicologia...etc) «para nos informar e discutir os temas de sexualidade - os dois sistemas reprodutores – masculino e feminino, doenças sexuais e a proteção adequada E#3F21anos.

E#4M19anos recorda ainda «os inquéritos [relativos a sexualidade e afetividade] de outras pessoas fora da instituição.»

Havia também sempre uma noite por semana onde debatíamos temas, de acordo com os inquiridos mais velhos (24-21 anos), de entre os quais se destacava a sexualidade e afetividade, atendendo ao seguinte referido por rapaz de 21 anos:

Em ausência de fala na 1ª pessoa, na condição de “ordem familiar” assimilada a residência, «havia uns que não percebiam nada [em educação para a afetividade], e aproveitavam as questões dos outros para tirarem as suas dúvidas». Por várias vezes, são nomeados técnicas/psicólogas, desde que haja “relação de confiança” na “amiga” que é uma profissional. Conforme é afirmado (E#1M24anos), na instituição «havia uns educadores mais púdicos que outros», sendo que a não ser “púdico” possa ser dado o exemplo de Educador-figura de referência, que falaria de “tudo”. Falar de tudo engloba e distingue “sexo-amor” - “campo da vida/sentido religioso”, nas duas aulas de Religião e Moral, em dias diferentes da semana. O inquirido explicitou-o da seguinte forma justificativa de haver um “campo de vida”: «sexualidade - gravidez na adolescência - até porque havia casais lá e é um bocado complicado - e compreendo numa instituição [mista] haver casais [de namorados]... dois [mais do que dois] *teenagers* que só querem namorar a toda a hora.»

Em suma, para E#2M21anos, a sexualidade discutida teve que ver com «essa *cena* das doenças, o uso do preservativo e os métodos contraceptivos e conhecer os órgãos...». De novo, a atender a condição de residência mista, «havia alguma *cena* [de risco de doenças] que não estava lá muito bem» Donde, a formação seguiria nesse sentido de “cuidado”, mas “sem assustar”. E#3F21anos acentua ainda o assunto: «Os dois sistemas reprodutores, o masculino e o feminino, as doenças sexuais e a proteção adequada.» O desenrolar de conteúdos programáticos em aulas foi relatado, quando E#4M19anos foi inquirido: «algumas doenças e formas de prevenção». A jovem que se afastou de instituição (E#5F18anos) «falava muito com a minha psicóloga. Até me encaminhou para o [serviço de saúde e] planeamento familiar.»

No que toca a perceção que os jovens têm de entendimento de sexualidade e afetos em adultos cuidadores responsáveis, foi dado o exemplo de relações filiais por E#1M24anos: «Vai depender [o que se fala] muito se *tu* tens um filho rapariga ou se tens um filho que é rapaz.». Além do carácter “púdico” de progenitor, acrescenta na comunicação (ou na sua ausência) não haver interferência de “inteligência”. Não é colocada a questão na 1ª pessoa, mais uma vez, mas dirigida a interlocutor, dito que exista na expressão verbal o assumir de pensamento adulto com distinção de género. Para ilustrar o caso focado, é dado o novo exemplo: «Na minha família... [uma tia] (...) são de uma aldeia e já percebo que eles viram-se para mim e dizem – ‘ah! Tens usado proteção? Vê lá...’». A ênfase familiar é para que um rapaz evite a gravidez de rapariga, sem que seja alguma vez nomeado um método de “prevenção” de gravidez. Por sua vez, a sua resposta surge em discurso direto: «E eu: ‘Oh tia! Por amor de Deus, não vai falar sobre isto...» Parecerá escusada a orientação, mas também a tia terá um discurso distinto com a sua filha: «E vira-se para a minha prima e dizem-lhe [o pai...]: “O quê? Namorados? Eu vou lá com uma caçadeira!» - e coisas do género...» Por conseguinte, a diferença no tratamento de relacionamentos amorosos é sumariada: «Em relação às raparigas, são um bocado mais protetores, mas acho que se [a minha prima] tivesse um namorado vão tentar aconselhar. Como comenta E#4M19anos, vão “tentar alertar mais as raparigas» É como E#5F18anos o defende Comumente, os adultos «tem sempre mais medo que as raparigas engravidem».

Na análise destacada de E#1M24anos, como o esclarece, é mais a “tentativa” que é mais “protetora” do que uma defesa de virgindade no casamento. É não tanto

[dizerem] - “Ah! - valorizar a virgindade - isso [a virgindade] é para levar para o casamento!» Por seu lado, E#2M21anos comenta que «eles [educadores] tem ideia de que os rapazes - 12-13 anos - só pensam nisso [sexo]...»

A mudança também se faz na viragem do discurso. E o que dizer de raparigas, ainda sem ser perguntado? «Nas raparigas, - se bem que agora está a mudar um pouco – acho que os adultos estão mais descansados nesse ponto de vista [de sexo] e tentam resguarda-las mais de predadores que andam sempre ali à volta...» O conceito pejorativo de “predadores” tem vindo a fazer a associação biológica perdurar no incontornável controlo social por psiquiatria.

E#2M21anos chega a colocar-se no lugar do outro, adulto de quem falava: «As raparigas são bem mais maduras que os rapazes; *enquanto que* um rapaz com 15 anos só tem porcaria na cabeça, uma rapariga tem já muito mais noção das coisas. Os rapazes pensam muito em sexo, ao contrário delas, precocemente, “puras” e “maduras”? A jovem da mesma idade, a viver no estrangeiro e estudante universitária (E#3F21anos) reporta-se a “estereótipos”, quando afirma o seguinte: Não sei se posso falar pelos adultos – em estereótipos, mas penso que as expectativas e pensamentos são iguais para ambos os sexos», numa alusão a indiferenciação de género em conversações sobre amor e sexo.

E#1M24anos crê que «as raparigas dirigiam-se às senhoras, até pelas questões da adolescência, começa a metamorfose lá do corpo delas e pronto... Elas falam mais entre elas. Acaba por ser só entre elas.» Em alternativa, E#2M21anos não pensa assim: Não tem nada a ver! No meu grupo, haviam duas educadoras e dois educadores Falavam todos abertamente... educadores com raparigas e educadoras com rapazes, também. E#3F21anos defende que tal abordagem à sexualidade e afetividade «depende da personalidade de cada aluno [e jovem institucionalizado], mas os educadores penso que estão preparados para ouvir e dar conselhos a qualquer um dos sexos.» Sem tomar posição, E#5F18anos «não falava muito... Só falava mesmo com a minha Psicóloga. Eu era (sou) muito fechada.»

Para E#4M19anos, «faz confusão a alguns rapazes falar sobre a sexualidade com educadoras.»

O que E#1M24anos assume é que haja «raparigas, suas amigas, ‘mais maradas’ – que falam mais abertamente sobre sexo.». Define-se como “um bocado promíscuo e

então tenho piadas muito assexuadas e acho que torno tão à vontade as mulheres para falar comigo sobre sexo, que eu acho que, às vezes, me sinto uma mulher à beira delas, que eu ei lá, espera!»

Mais uma vez, ao contrário, E#2M21anos diz ser «diferente falar com um grupo de amigas, porque se entendem da mesma maneira, do que se falarem com o pai que é autoridade... porque sabem que se pisarem a linha, pode correr mal.»

- As raparigas como são mais sensíveis falam com as amigas mais sobre sentimentos.

- Elas falam mais do processo da evolução de uma mulher - no sentido em que as raparigas mais velhas ensinam e dão instruções acerca de menstruação e coisas desse género...

Quem fala em pais, quando nunca foi colocada a situação familiar em conversação, senão para falar-se de motivo de institucionalização? Um entrevistado cujos pais se separaram, deixando de ver ambos ou outro em idêntica situação.

Nisto, os rapazes serão diferentes também delas: “estão mais à vontade” até com adultos?

Quem não vê há muito a mãe pode ainda imaginar uma situação exemplar: «O facto de seres um rapaz [interlocutor] e poderes falar com os teus pais... apesar de com as mães não se estar tão a vontade, porque mãe é mulher e há aquela cena de constrangimento...»

E quando se fala de sexo e amor com namorados ou “companheiros”?

- Se *te* apaixonares, acaba por ser mais sentimental, *falas* mais com a *tua* companheira...

«[Elas] falam mais sobre o sentimento [de amor] do que propriamente de sexo... [sexo] faz parte de uma relação mais avançada», segundo E#2M21anos, que faz nova distinção de género: «... não vais para à beira do teu amigo dizer ‘olha...o amor...’. Entre amigos [rapazes], acho que se fala mais na palhaçada». E «[conversas] entre amigos é mais sexual...» (E#1M24anos). No entanto, E#2M21anos crê que «[todos] falam da mesma coisa [sexo] ... pessoas diferentes e de maneiras diferentes».

Existem hiatos para sexo e amor debatidos.

Finalmente, foi criada uma primeira e segunda categorias residuais - Temática 5 (T#5) - relativa a “Outros assuntos espontaneamente abordados, quando perguntado” e

Temática 6 (T#6) “Estabilidade Emocional Atual”, contrastada com o conhecimento dos entrevistadores acerca de inumerados ganhos, inolvidáveis, proporcionados por residência, autonomia manifesta e/ou individualidade acentuada.

Por ganhos, entende-se que um entrevistado se «sentia-me protegido lá e não só - sabia que cá fora era um mundo completamente diferente e que eu ia ter de desenrascar sozinho», o que pode ser desvirtuado por seguinte reparo - «aquilo basicamente foi um grande hotel para mim... Foi um dos epílogos da minha vida.» Entende o que perdeu e o que ganhou na “grande instituição”. Assim colocado, depois da «*adolescência, quando se esta a modelar a personalidade*», o jovem adulto não saiu, porque o deixaram permanecer em residência, até limite extremo de idade – 21 anos. Porquê? «Porque nunca fui um membro desestabilizador... uma mais-valia para quem comandasse as tropas», no sentido de liderança de residência com inevitáveis problemas de educação de crianças/jovens tantas vezes afastados para sempre de progenitores. Uma colega (E#3F21anos) adquiria “grandes lições de vida”, se bem que fosse adotada aos 15 anos, deixando o local e o país para sempre. Ali terá ganho consciência social e procedimentos éticos: «como se deve agir perante outras pessoas de uma maneira simpática e respeitosa.», bem como “muita estrutura e orientações» de gestão de vida e papéis de género (organização quotidiana, trabalhos de casa e aprendizagens, desportos e lazeres).

Somente tivemos um depoimento (E#1M24anos) para T#5 – algo a dizer que não fosse perguntado ou outro assunto:

«É me difícil manter uma relação estável hoje em dia... Primeiro, não me quero estar a meter com ninguém... não me apareceu a pessoa ideal, porque no amor é mesmo assim. Mas também ando a fugir um bocadinho ao compromisso, porque se calhar sou um bocado ‘apaixonado por personalidades’.»

Discussão e Conclusões

No presente estudo inicial e exploratório, as raparigas diferenciam-se dos rapazes, o que não se mostra distinto de jovens que não vivam em residências na região Norte.

Pode existir uma ausência de reconhecimento/valorização de condições gravosas de vida por maus tratos e/ou de poder de adolescentes mais velhos sobre mais novos, em domínio sexual “consentido”. Quando inquiridos melhores e piores momentos

vividos numa instituição, antes de ser abordadas as áreas afetivo-sexuais, nunca foi dito ter-se sido abusado, a nível emocional, físico ou sexual.

Na definição de sexualidade partilhada, o âmbito preventivo e informativo estão presentes, sofrendo a sexualidade grandes alterações ao longo dos anos. É fonte de comunicação, troca de afeto e de prazer (do inglês *petting*, amimar, dar carinho) e forma de expressão da afetividade; é modo de hetero e autodescoberta; é relação sexual completa (coito), coito *reservatus* (retardado, para evitar o orgasmo) e atividade reprodutiva (Zamith-Cruz, 2010, p. 46). A Educação Sexual numa instituição, cuja cultura e relacionamentos não são equiparáveis a família, prima no debate continuado de pontos de vista consensuais ou não.

As jovens não referem o modo como podem alcançar, com amigas confidentes, a assunção de *romantismo* que se lhes adegue na subcultura e sociedade? Têm discursos *masculinos*. Por um lado, chega a ser quebrado o estereótipo de que as mulheres falam mais com as meninas e homens com meninos. Por outro lado, percebe-se que as conversas que os adultos têm com as jovens do sexo feminino é diferente – adultos falam mais com as raparigas sobre “menstruação”, sobre “questões do corpo”. Existe uma preocupação com as sexo feminino relacionada com a gravidez na adolescência. Com os jovens do sexo masculino fala-se mais de sexo e de prevenção de doenças, um *espelho social*. A linguagem pública sobrepõe-se à linguagem privada - a pensamento individual coloca-se o marco psicossocial e cultural.

Por sua vez, a afetividade relacionada com prazer e desprazer no apego a outros adultos e ex-colegas, partiu do significado dado a continuidade de relacionamentos estáveis, por parte de pessoas que viveram com cuidadores exteriores a família.

Será realizada formação dirigida a domínios explorados e “projeto de vida”: sexualidade e afetividade em histórias-caso ímpares. Observaram-se consequências negativas de afastamento familiar prolongado, não irreversíveis, evidenciados atrasos escolares e/ou perturbações em áreas de desenvolvimento e conduta nem sempre adequada no quotidiano. Parece urgente que, para além da definição de conceitos, os educadores se predisponham a falar e a falar de sentimentos/emoções, na medida em que não existe em nenhuma das entrevistas uma referência às relações afetivas, ainda que em 5 entrevistados, 3 jovens mantem relações de namoro.

Falam descontraidamente, havendo contenção na verbalização explícita de intimidade e motivo de separação de família, estará o bloqueio relacionado com a descrição de “maus tratos” ou mesmo com “sexualidade”, na medida em que os conceitos parecem apenas associados a teorização descritiva científica e preventiva. No estudo-piloto não foram dados motivos cabais para institucionalização do próprio ou de pares, mas sempre houve tentativas de revelação de adversidade e maus tratos/abuso ignoradas ou rejeitadas, conduzindo a menor tendência a contar o sucedido a alguém. Teme-se “magoar”, o afastamento familiar, a perda de afeto e a institucionalização, quando não o “ridículo” e a etiquetagem na “mentira”. Uma criança deprimida ou um jovem abusado têm dificuldade em *verbalizar* o que os afete e fecham-se, mas *falaram*, em anonimato.

Deixadas as residências, em Braga, continuam os jovens sem rede de apoio social externa e família alargada reduzida/inexistente. Poderão possuir limitações de competências pessoais-sociais, trabalham e/ou estudam em escolas locais, sobretudo, de índole profissionalizante. Não encaram a escola como fator protetor. Mas dois atingiram o 12º ano e uma das jovens entrevistadas estuda numa universidade em Nova Iorque. Os outros dois inquiridos apenas concluem o 9º ano de escolaridade então obrigatória.

O que os distingue de padrões de funcionamento não estáveis? São pessoas típicas? Atípicas? O desemprego e a baixa escolaridade estão presentes no quotidiano de rapariga de 18 anos.

Observou-se sempre a atenção recíproca ou mútua com entrevistadores, o sentimento positivo partilhado e a coordenação não-verbal nas interações. A linguagem simbólica permite-nos transcender, de momento, a experiência e registar relatos de vidas cruzadas pela linguagem.. Se a ação quotidiana é *grande* ou *pequena* na residência de acolhimento, depende da perspectiva do utente, cuja adaptação poderá diferir por idade da entrada na institucionalização.

Referências bibliográficas

- Carneiro, R. (2005). *Casa Pia de Lisboa. Um Projecto de Esperança: as estratégias de acolhimento das crianças em risco – relatório final*. Cascais: Principia.
Correio do Minho
Garfinkel, H. (1967). *Studies in Ethnomethodology*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall.

- Instituto de Segurança Social (2010). *Plano de Intervenção Imediata*. Lisboa: Instituto de Segurança Social.
- Instituto de Segurança Social/ISS (2012). *Relatório de caracterização anual de situação de acolhimento das crianças e jovens, versão resumida*. Lisboa: ISS, março, 2012.
- Instituto de Segurança Social/ISS (2013). *Relatório de caracterização anual de situação de acolhimento das crianças e jovens, versão resumida*. Lisboa: ISS, junho, 2013.
- Jornal Correio do Minho*. (2012, 06/11/2012, p. 4)
- Jornal Público* (2012). Número de menores em instituições diminuiu 27% nos últimos 6 anos. Texto de A. Campos & N. Faria, N. *Jornal Público*, 7 de abril de 2012, pp. 1, 4-5.
- Jornal Público* (2013). Mais de 69 mil crianças e jovens em perigo acompanhadas pelas comissões de protecção. Texto de A. Sanches. *Jornal Público*, 27 de junho de 2013. Em internet <http://www.publico.pt/sociedade/noticia/mais-de-69-mil-criancas-e-jovens-em-perigo-acompanhadas-pelas-comissoes-de-proteccao-1595577> (acessível em 15 de junho de 2013).
- Kossilyn, S. & Rosenberg, R. (2004). *Psychology* (2nd. Ed.). N.Y.: Pearson.
- Tesch, R. (1990). *Qualitative research: Analysis types and software tools*. N.Y.: The Falmer Press.
- UNESCO (2008b). *School-centered HIV & AIDS care and support*. Paris: UNESCO.
- UNESCO (2009 a). *International technical guidance on sexuality education: An evidence informed approach for schools, teachers and health educators. Vol. I The rationale for sexual education*. Paris: UNESCO.
- Werner, E. E. (1993). Risk, resilience, and recovery: Perspectives from the Kauai longitudinal study. *Development and Psychopathology*, 5, 4, Fall 1993, 503-515.
- Werner, E. E. (2004). What can we learn about resilience from large scale longitudinal studies? In *Handbook of Resilience in Children*. N.Y: Kluwer Academic/Plenum Publishers.
- Zamith-Cruz, J. (2010). *Sexualidade e educação: ciência, história, mito e arte*. Braga: Cadernos Escola e Formação do Centro de Associação de Escolas Braga-Sul.
- Zamith-Cruz, J. e Terroso, N. (2012). Educação sexual em contextos heterogêneos: Instituições de acolhimento de crianças e jovens de Braga. Comunicação apresentada em *VII Congresso Português de Sociologia – subtema ST13 sexualidade e género* (Livro Provisório, pp. 647-648), realizado no Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Porto, Universidade do Porto, 20 a 23 de Junho de 2012.
- http://www.aps.pt/vii_congresso/?area=016&seccao=SEC4e77596c7acdc&mesa=SEC4f...
- WHO (2002). *Defining sexual health: report of a technical consultation on sexual health*. Geneva: WHO.
- WHO/UNICEF (2003). *Skills for health: Skills based health education including life skills*. Geneva: WHO & UNICEF.